CARTAS

Proálcool

Recebi um exemplar de *Agroanalysis*, edição especial sobre o Proálcool, e gostaria de parabenizar os editores pela abordagem profunda e corajosa do tema. Os problemas enfrentados pela agroindústria canavieira são semelhantes aos que afetam a agricultura brasileira como um todo. Portanto, uma revista que aborda assuntos com tamanha competência e seriedade é de grande utilidade para o setor agrícola brasileiro.

Roberto Rodrigues
Presidente da Sociedade Rural Brasileira

Lavouras alternativas

Venho parabenizar a Fundação Getulio Vargas pela ótima iniciativa de reeditar a revista *Agroanalysis*, que acompanho desde sua criação, em 1977, passando pelas direções dos senhores Paulo Rabello de Castro, Tito Ryff e Sylvio Wanick Ribeiro. Revejo a revista em sua nova forma e desejo sucesso à equipe, agora dirigida pela dra. Ignez Lopes.

Aproveito a oportunidade para sugerir que, à semelhança do que se fez em alguns números da forma antiga, *Agroanalysis* dedique algo de seu espaço a lavouras e outras atividades ligadas ao setor agrícola, que estejam crescendo no país e se apresentem como alternativas para alguns produtores rurais. Sei que existe grande demanda deste tipo de cobertura. Sei, também, que este trabalho, sendo produzido pela FGV, será sempre proveitoso para aqueles que se interessam pelo que se passa no campo.

Omar Tavares
Representante comercial
Rio de Janeiro, RJ

Agricultura forte

Parabenizamos a Fundação Getulio Vargas pela publicação da revista *Agroanalysis*, instrumento valioso de informação para a atividade agrícola nacional e o agribusiness. Esperamos que o governo federal acorde para priorizar o setor primário nacional, única maneira de alavancarmos o Plano Real, estabilizarmos a economia e assentarmos as bases do nosso futuro desenvolvimento agrícola e agroindustrial auto-sustentado. Sem uma agricultura forte, perderemos mais quatro anos e ficaremos à mercê dos cartéis internacionais. Receba os nossos parabéns e esperamos que a *Agroanalysis* tenha uma circulação em constante aumento, devido ao seu alto padrão técnico, e venha conscientizar as autoridades desse país de que, sem uma agricultura forte, não poderá haver desenvolvimento e progresso.

Cornélio de Piero
Grupo Agrossol, Comissão Permanente Pró-Oeste da Bahia e presidente da Associação Baiana de Produtores de Sementes e Mudas, Barreiras, BA.

É permitida a reprodução total ou parcial dos índices e matérias desde que seja citada a fonte.

AGROANALYSIS

Revista mensal de economia agrícola da Fundação Getulio Vargas editada pelo Centro de Estudos Agrícolas do Instituto Brasileiro de Economia

Fundador:
Julian Chacel

EXPEDIENTE

Chefe do CEA/IBRE:
Ignez Vidigal Lopes

Redator-chefe:
Regis Alimandro

Equipe de redatores:
Eliana C.B.L. Viglio (arroz, feijão, meio ambiente, tomate, mandioca, caju), Fernando R. de Freitas Almeida (cereais de inverno, oleaginosas, frutas, vinho), Guilherme Soria Bastos Filho (cacau, açúcar, algodão), Irene Raguenet Troccoli (fumo, milho, avicultura, suinocultura, laranja), Maria José Cyhlar Monteiro (preços, previsão de safras, legislação), Mauro de Rezende Lopes (comércio internacional, política agrícola), Regis Alimandro (café), Tito B. B. Ryff (meio ambiente).

Gerente Comercial
Carlos Henrique Tibiriçá Miranda

Colaboradores:
Adib Jamil Amim, Lucio Junqueira Campos (estatísticas de preços), Rubens de Mello Nogueira Abdelhay (índice FGV/Abag), Ana Célia Junqueira Campos, Edmilson Pereira Conceição, Edna Frias de Souza, Mário Augusto Rodrigues Martins (apoio técnico).

Copidesque:
Lauda Editoração e Comunicação Ltda.

Técnicos em processamento:
Bruno da Silva Júnior, Deise Jaffar de Lima.

Estagiários:
Ana Paula de Mello Carvalho, Ednéia da Silva Bezerra, Maria das Graças Soares.

Secretaria e apoio administrativo:
Claudia Ana Marques, Antonio Barbosa, Antonio Getúlio Corrêa de Oliveira.

Divisão de Gestão da Informação (DIGI)
Diretor: Moacyr Antonio Fioravante

Editora da FGV
Chefe: Francisco de Castro Azevedo
Coordenação editorial: Cristina Mary Paes da Cunha
Editoria de arte: Eliane da Silva Torres, Jayr Ferreira Vaz, Marilza Azevedo Barboza, Osvaldo da Silva, Simone Ranna.
Revisão: Aleidis de Beltran, Fatima Caroni.
Produção gráfica: Helio Lourenço Netto, Joel Alves.
Comercialização: Juarez Nery de Souza, Valéria Oliveira Santiago.
Vendas de assinatura: José Milton Gondim.
Vendas avulsas: Edna Kumakola
Publicidade:
Belo Horizonte — MG: Tel. e fax: (031) 224-9534; Brasília — DF: Tel. e fax: (061) 577-4883; Porto Alegre — RS: Tel. e fax: (051) 249-7056; Recife — PE: Tel. e fax: (081) 465-1851; Ribeirão Preto — SP: Tel.: (016) 625-9639 – Fax: (016) 625-0521; Rio de Janeiro — RJ: Tels.: (021) 252-8720 e 252-9074 – Fax: (021) 221-5984; Salvador — BA: Tel. e fax: (071) 351-1784; São Paulo — SP: Tel. e fax.: (011) 524-1174.
Livrarias — Rio de Janeiro: Livraria J. Carneiro Felipe — Praia de Botafogo, 188 — Tel.: (021) 536-9105
São Paulo: Livraria Faria Lima — Av. Nove de Julho, 2.029 — Tel.: (011) 281-7875.
Editora da Fundação Getulio Vargas — Serviço de Vendas: Praia de Botafogo, 190 s/607 CEP 22253-900 — ou Caixa Postal: 62.591 — CEP 22257-970 — Rio de Janeiro, RJ — Tels.: (021) 551-0698 e 536-9196.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

Instituição de caráter técnico-científico, educativo e filantrópico, criada em 20 de dezembro de 1944 como pessoa jurídica de direito privado, tem por finalidade atuar no âmbito das Ciências Sociais, particularmente Economia e Administração, bem como contribuir para a proteção ambiental e o desenvolvimento sustentável.

Presidente de honra: Luiz Simões Lopes
Presidente: Jorge Oscar de Mello Flôres
Vice-presidente: Mario Henrique Simonsen
Diretora-geral: Celina Vargas do Amaral Peixoto

Conselho Diretor

Presidente: Jorge Oscar de Mello Flôres
Vice-presidente: Mario Henrique Simonsen
Vogais: Aldo Baptista Franco, Celina Vargas do Amaral Peixoto, Eliezer Baptista, Francisco Oswaldo Neves Dornelles, Luiz Fernando da Silva Pinto, Manoel Fernando Thompson Motta, Manoel Pio Corrêa Jr., Marcílio Marques Moreira, Roberto de Oliveira Campos.
Suplentes: Alfredo Américo de Souza Rangel, Carlos Alberto Pires de Carvalho e Albuquerque, Eugenio Emílio Staub, Gilberto Dupas, José Luiz Miranda, Oswaldo Antunes Maciel, Pedro Leitão da Cunha.

Conselho Curador

Presidente: Theodoro Arthou
Vice-presidente: Paulo de Tarso Leal
Vogais: Antonio Monteiro de Castro Filho, Armando Klabin, Associação de Bancos do Estado de São Paulo, Banco Credit Commercial de France S.A., Carlos Alberto Lenz Cesar Protásio, Diogo Lordello de Mello, Domingos Marques Grêllo, Edmundo Barbosa da Silva, Estado de Minas Gerais, Gilberto Ulhôa Canto, Gustavo de Sá e Silva, Heitor Chagas de Oliveira, Instituto de Resseguros do Brasil (IRB), José Ephim Mindlin, Mário Abrantes da Silva Pinto, Mauro Salles (Salles-Interamericana de Publicidade S.A.), Paulo Guilherme Aguiar Cunha (Cia. Ultragaz S.A.), Roberto Paulo Cezar de Andrade, Sindicato das Empresas de Seguros Privados e Capitalização do Rio de Janeiro.
Suplentes: Cristiano Buarque Franco Neto (Banco Bozano, Simonsen S.A.), João Pedro Gouvêa Vieira Filho (Refinaria de Petróleo Ipiranga S.A.), Jorge Paulo Lemann (Banco de Investimentos Garantia S.A.), Lineu de Paula Machado (Banco Boavista S.A.), Luiz Roberto do Nascimento Silva, Marcio João de Andrade Fortes, Maria do Carmo Nabuco de Almeida Braga (Icatu Empreendimentos e Participações S.A.), Patrick de Larragoiti Lucas (Sul América Terrestres, Marítimos e Acidentes — Cia. de Seguros), Pedro Henrique Mariani Bittencourt (Banco da Bahia Investimentos S.A.), Roberto Duailibi (DPZ Propaganda S.A.), Sérgio Franklin Quintella, Unibanco — União de Bancos Brasileiros S.A.

Conselho Consultivo

Abgar Renault, Carlos Moacyr Gomes de Almeida, Gilberto Duarte Prado e Rubens D'Almada Horta Pôrto.

Instituto Brasileiro de Economia
Diretor: Antonio Salazar P. Brandão
Banco de Dados-IBRE
Salomão L. Quadros da Silva
Centro de Estudos Agrícolas
Ignez Vidigal Lopes
Centro de Estudos das Empresas
Sergio Gustavo S. da Costa
Centro de Estudos de Economia e Governo
Lia Valls Pereira
Centro de Estudos de Preços
Paulo Sidney de Melo Cota
Centro de Estudos Tendenciais
Eden Gonçalves de Oliveira
Revista Conjuntura Econômica
Lauro Vieira de Faria

Nesta edição

1 **Entrevista com Antonio Salazar Brandão**

6 **Cartas**

8 **Especial**

8 **Microbacias hidrográficas: um novo conceito de desenvolvimento rural**
Tito Ryff

12 **Ecoprotecionismo e barreiras sanitárias às exportações brasileiras**
Eliana C. B. L. Viglio

18 **Conjuntura do agribusiness:**

18 **Pesquisa agropecuária**

20 **Preços agrícolas**

22 **Cacau**

24 **Frutas**

26 **Laranja**

30 **Índice FGV/ABAG (Iabag) 1995**

32 **IBGE — Síntese estatística**

34 **Oferta e demanda**

36 **Estatísticas agropecuárias**

42 **Panorama agropecuário**

46 **Panorama internacional**

48 **Legislação agrícola**

52 **Janela aberta**

Editorial

Carta verde

A colheita de uma safra recorde de grãos está se tornando um pesadelo para os produtores rurais. Sem a necessária liquidez de crédito para irrigar os negócios com a comercialização da safra, os preços estão caindo de forma desenfreada sob o peso da abundância da safra, confirmada pelo governo em 81,6 milhões de toneladas. O que é motivo de grande alento para o sucesso do Plano Real e alívio para a equipe econômica pode ter se tornado um peso excessivo para os produtores agrícolas. A agricultura brasileira é um setor capaz de dar pronta resposta aos estímulos do mercado e da política agrícola, principalmente em um regime de estabilidade econômica. Animado pelas perspectivas de expansão do consumo e pelos estímulos embutidos nos preços de garantia do governo, o setor respondeu a tempo.

Verificou-se, mais tarde, que as medidas de estabilização da economia acabaram criando uma grande defasagem cambial, e não somente aumentaram as taxas de juros, como também promoveram o enxugamento do crédito tão necessário no período da comercialização, que se estende de março a maio. No aperto de liquidez os preços despencaram.

O impasse causado pela derrubada do veto do presidente na questão da TR pelo Congresso adicionou novos cortes ao crédito para o setor agrícola no momento em que a supersafra chegava ao mercado. O milho chegou a ser negociado em Santa Catarina a R$4,00 o saco e o arroz a R$6,00, no Rio Grande do Sul. Os agricultores estão encontrando enormes dificuldades para saldar seus compromissos imediatos com os fornecedores e aguardam melhor oportunidade para a realização de seus negócios com a venda da safra.

Negar liquidez aos produtores neste momento apenas transfere para terceiros os ganhos com a comercialização na entressafra. Ademais, reduz a capacidade de autofinanciamento dos produtores e aumenta a pressão por recursos de crédito para o plantio da próxima safra, o que, diante das elevadas taxas reais de juros, convém de todo evitar. Em casos mais extremos, a má comercialização de uma supersafra pode comprometer a capacidade produtiva de segmentos inteiros da agricultura, o que certamente não convém ao país.

A comercialização das safras agrícolas possui especificidades que não podem passar despercebidas pelos tomadores de decisão: a agricultura colhe em três meses o que o país consome em 12. Não se comercializa sem crédito. Além disso, os produtores ainda não dispõem de mecanismos de *hedging* contra os riscos de preços. O governo ainda está devendo reformas na legislação tributária e outras medidas que gerem a credibilidade institucional indispensável para viabilizar o funcionamento de mercados futuros e de outros mecanismos existentes em outras economias para transferir o risco de preços.

Outro fator associado à atual queda de preços tem sido o incremento sem precedentes da importação de grãos, impulsionado pela diferença de preços entre o produto produzido internamente e o produto disponível no mercado internacional, freqüentemente sujeito a subvenções. As importações realizadas na entressafra estão exercendo pressão adicional sobre os preços. Reconhecendo o fato, o governo promoveu recente elevação das tarifas do arroz, de 10 para 20%. Para os demais produtos agrícolas elas estão, contudo, entre 0 e 8%, sendo insuficientes para neutralizar os subsídios da origem e expondo desnecessariamente os produtores nacionais.

Não se trata de questionar a indispensável administração dura do plano, assunto tratado com oportunidade na entrevista desta edição. Mas não pode haver omissão diante de uma questão cujas conseqüências são graves. Qualquer governo de uma nação que leve a sério sua produção de alimentos, em vez de celebrar preços tão baixos, encontraria nesse estado de coisas razões de sobra para se preocupar com os desdobramentos que uma crise dessa natureza pode trazer.